

Desafios do Teatro Amador do Vale do Minho

Terceira edição dos Seminários para Novos Críticos da APCT

Coordenação de Rui Pina Coelho, Sebastiana Fadda e Rita Martins

O dossiê que aqui publicamos reúne um conjunto de textos produzidos no âmbito de duas iniciativas, ambas na sua 3ª edição, que se cruzavam ao mesmo tempo no mesmo espaço geográfico e contavam com a colaboração das Comédias do Minho: o Seminário para Novos Críticos da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro [APCT] e o Festival Itinerante de Teatro Amador do Vale do Minho [FITAVALE]. O festival decorreu de 18 a 26 de Maio de 2013 e pôde contar com a participação não só de grupos portugueses, mas também de grupos espanhóis provenientes da PLATTA [Plataforma Transfronteiriça de Teatro Amador]. Para o Seminário para Novos Críticos, à semelhança do que aconteceu nas anteriores edições destes Seminários – a 1ª acolhida pelos Festivais Gil Vicente de Guimarães em 2010, a 2ª pelo Festival Odisseia do Porto em 2011 –, os participantes, com formações variadas, vieram de diferentes regiões do país, mas comungavam do mesmo desejo de aceitarem desafios e deixarem-se envolver em novas aprendizagens. O objectivo continua a ser o de contrariar o progressivo desaparecimento da crítica sobre artes performativas no nosso espaço público e de, espera-se, vir a criar uma rede nacional de críticos, promovendo a análise e o debate, e envolvendo cada vez mais vozes sobretudo de camadas jovens de espectadores.

Comunidades em vivências dinâmicas joco-sérias Helena Santos e Joana Ramalho

O FITAVALE teve a sua primeira edição em 2011, como um dos resultados do desenvolvimento do projeto comunitário das Comédias do Minho (CdM), um dos pilares da sua atividade: acompanhar um grupo de teatro amador em cada um dos cinco concelhos do Vale do Minho, num jogo (muito sério) de interação com as pessoas que fazem esse território.

O papel das CdM com cada grupo consiste, diretamente, em trabalhar competências técnicas e artísticas – ora "encenando", ora "dinamizando", como o próprio programa refere, respeitando a atividade de cada grupo. E, por essa via e tudo o que o trabalho de imersão, regular e sistemático, implica (contatos mais prolongados, relações mais afetivas, conhecimentos mais sólidos, identidades mais críticas), as CdM contribuem ativamente para a dinamização (e progressiva autonomia) da

participação cultural em toda a região, pequena mas idiossincrática, onde cada concelho e cada freguesia corresponde ainda a unidades relativamente fechadas, até por força do isolamento próprio do Vale do Minho (decorrente da ruralidade, envelhecimento e vulnerabilidade socioeconómica de grande parte da população).

O FITAVALE consiste no reforço destas componentes, ao mostrar o trabalho de cada grupo de teatro fora do seu concelho de origem. Itinerar, aqui, significa, em primeiro lugar, "sair de casa", articulando as dinâmicas da criação artística amadora com as da receção e dos públicos, e incorporando estas e aquelas na construção de redes de interconhecimento e de sociabilidade na vida alto-minhota. Assistimos a uma espécie de rotação, em que cada grupo se apresenta noutro concelho e, naturalmente, noutro espaço de apresentação, que não o seu. E espera-se, com esta "inter-itinerância", não apenas que os grupos amadores (estes e outros, que os há, de teatro e não só) se conheçam e troquem experiências, mas também que, progressivamente, a população se mova e mobilize, ou seja, que os cinco concelhos se tornem cada vez mais um território aberto e partilhado, interna e externamente.

É que, ao mesmo tempo, o FITAVALE constitui-se como um momento de festa (de comunhão) e de reflexão sobre a relação das CdM e da arte teatral naquele território – e fora dele. Este ano, o festival alargou-se: realizou-se em dois fins-de-semana (e não num só, como nas anteriores edições); contou com a participação de dois grupos espanhóis, no quadro da PLATTA; apresentou os grupos escolares envolvidos no ENCENA - Projeto Teatro na Escola, no âmbito do programa pedagógico das CdM; e incluiu o Seminário para Novos Críticos, pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. E, como sempre nas atividades das CdM, contou com dois jantares-convívio, alargados a participantes e públicos, integrando o sentido de partilha da essência duma verdadeira comunidade.

Tudo é aqui motivo de comunhão: os textos; as participações diversas, entre cerca de uma e duas dezenas de intérpretes, conforme os grupos, contracenando jovens e idosos, rurais e urbanos, atores experimentados e estreantes, com motivações de aprendizagem profissionalizante, de sociabilidade, ou de intervenção; os recursos dramáticos e cénicos e os espaços de apresentação.

<>

Lisístrata,
de Aristófanes,
enc. Mónica Tavares,
Verdevejo – Grupo de
Teatro da Associação
Cultural de Verdejo,
2013,
fot. Comédias do Minho.



Em suma, o FITAVALÉ está longe de ser um "festival improvável", para parafrasear as palavras de Alexandra Moreira da Silva (*Sinais de cena*, n.º 17, 2012: 13), porque é parte integrante de um trabalho (já) com passado e voltado para o futuro, o das CdM, simultaneamente no plano artístico e no plano social.

Título: As troianas (415 a.C.). *Autor:* Eurípides. *Dramaturgia:* Manuel Lourenzo. *Encenação:* Paco Alvarellos e José León. *Produção:* Carfax Teatro – Galiza. *Local e data de apresentação:* Vila Nova de Cerveira, Fórum Cultural, 18 de Maio de 2013.

Título: Lisístrata (411 a.C.). *Autor:* Aristófanes. *Encenação:* Mónica Tavares. *Produção:* Verdevejo – Grupo de Teatro da Associação Cultural de Verdejo. *Local e data de apresentação:* Monção, Cine Teatro, 19 de Maio de 2013.

Título: Un corazón lleno de lluvia. *Autor:* criação colectiva. *Encenação:* Jesus Fuente. *Produção:* Cachivache Teatro – Castilla y León. *Local e data de apresentação:* Monção, Cine Teatro João Verde, 25 de Maio de 2013.

A pequena Grande Dionisiaca, a norte do país Stat Miller

Podemos suspeitar que é com o mesmo entusiasmo das Dionisiacas Urbanas da Antiga Grécia do século V a.C., que as gentes minhotas celebram o FITAVALÉ. No centro desta iniciativa está um grupo de actores que forma a companhia CdM. Estes "estrangeiros" naquelas paragens chegaram das mais variadas partes do país, integraram-se na vida e apropriaram-se dos corações minhotos, vindo a ser acarinhados pelas gentes da terra e é ali que dão a conhecer o seu teatro. Paralelamente à actividade artística que desenvolvem como companhia de teatro profissional, as Comédias do Minho dedicam-se anualmente à concretização do FITAVALÉ, evento que recupera um pouco aquilo que terá sido o teatro na sua origem – o sítio de onde se vê o "ritual" em que a comunidade suspende as suas actividades quotidianas para se expor e rever numa manifestação artística.

No espaço de dois fins-de-semana assiste-se neste Minho a uma pequena Grande Dionisiaca: sob a direcção de um actor profissional das Comédias do Minho, grupos amadores de teatro compostos pelas gentes das terras, com uma faixa etária que varia dos oito aos oitenta, empenham-se na apresentação de espectáculos de teatro. Os temas, ou as peças escolhidas pelos actores (amadores), vão desde Georg Büchner a Aristófanes. As escolhas são variadas e arrojadas e os espectáculos, que resultam das propostas, estão longe de ser "amadores".

O trabalho desenvolvido por cada grupo, sob a direcção e responsabilidade dos vários actores das CdM, revela para além de uma importante qualidade artística, um sentimento e uma ideia de celebração e de partilha. O espectáculo do FITAVALÉ que talvez tenha melhor traduzido esta celebração de comunidade foi *Lisístrata*, dirigida e encenada por Mónica Tavares, apresentado em Monção. A temática do texto de Aristófanes resultou numa escolha feliz: a história de uma comunidade de mulheres que se mobiliza numa greve de sexo – para que os seus maridos acabem com a guerra e estabeleçam a paz – traduz-se, nesta encenação, num contexto minhoto divertido em que a comunidade grega fica muito bem situada em terras e interpretações minhotas. As "Lisístratas" aqui são "mulheres do Norte", quase mais viris que os homens a quem recusam os prazeres da carne – e, curiosamente, esses homens são, de facto, os maridos (a sério) destas atrizes. O riso instala-se mediante a sensação de estarmos a extrapolar a verdade cénica entrando, neste espectáculo, em casa destes casais, e assistir a intrigas domésticas entre os (reais) conjugues.

O ambiente difere dos festivais de teatro habituais. Aqui é algo de particular, no sentido em que "este" teatro é efectivamente "o sítio de onde se vê", o espaço temporal e espiritual em que a comunidade se olha a si própria, não só pelo espelhar de situações e temas que lhe são familiares e com os quais se identifica, mas principalmente porque é efectivamente o pai que vê o filho, ou o neto que vê a avó numa situação performativa. O público em geral é constituído, sobretudo, pelos amigos, conhecidos e parentes dos actores, o que cria um círculo especial formado por cumplicidades que são, também elas, motor e parte do sucesso do evento.

Dois grupos de teatro amador galegos entram nesta dinâmica de espectáculos, de comunidades, de gentes e de celebrações artísticas: este ano trouxeram à cena *As troianas*, um clássico grego, e *Un corazón lleno de lluvia*, um texto contemporâneo, encenados respectivamente por Paco Alvarellos e Jesus Fuentes. As peças dos "nuestros hermanos" são apresentadas em galego e distanciam-se da restante linha de espectáculos do festival tanto pelas temáticas escolhidas, que são sempre sóbrias, como pelo rigor técnico e eficácia cénica, cuja execução se afasta do contexto amador que os outros grupos do FITAVALÉ apresentam.

Os espectáculos são esteticamente muito diferentes, mas presentem-se as opções e as vontades "artísticas" dos actores. Entre a exigência de qualidade da interpretação e o gozo do lúdico pelo lúdico, são mais eficazes os espectáculos em que predominam o tom cómico e a descontração, e em que a euforia e a risada acompanham



<
Woyzeck,
 de Georg Büchner,
 enc. Luís Filipe Silva,
 Os Simples – Grupo de
 Teatro Amador de
 Melgaço, 2013,
 fot. Comédias do Minho.

as competências artísticas do trabalho proposto. Apesar de amadores, nenhum dos espectáculos careceu de competências cenográficas ou técnicas ou sequer de criatividade: tudo é possível com os meios possíveis, sendo que a matéria humana era de facto o mais interessante a evidenciar e a considerar pela excentricidade das interpretações.

Complemento do espectáculo em si e do espírito do festival são as conversas antes e depois das apresentações, os almoços ou jantares oferecidos às comunidades de participantes do festival, o serem noticiados e reconhecidos temporariamente pelo papel que desempenham com orgulho nas suas produções teatrais. No espaço de uma semana assistimos à actuação de pequenas vedetas numa miscelânea de jogo lúdico e festividade, com alguma pretensão artística, mas essencialmente à celebração de uma comunidade através do teatro.

Título: Woyzeck (1836). *Autor:* Georg Büchner. *Encenação:* Luís Filipe Silva. *Produção:* Os Simples – Grupo de Teatro Amador – Melgaço. *Local e data de apresentação:* Paredes de Coura, Centro Cultural, 17 de Maio de 2013.

Ervilhas e LSD

Nicolau Pais

Nos seus traços estético-dramatúrgicos, *Woyzeck*, de Büchner, está na antecâmara do expressionismo alemão. A partir deles se poderia extrapolar sobre o que viria a ser um filão germânico-escandinavo e, em boa parte, a relação do Teatro Moderno com os enredos "sobre a vida" e a sua inevitável matriz de teatro popular, até à época confinado, em género, ao romance. A mentalidade dos escravos (um conceito romântico-nietzschiano) de um Comandante que, na sua bem barbeada decência, "não precisa de virtude", é um preâmbulo possível a Kristine, a empregada beata e repressiva de *Menina Júlia* de Strindberg; por outro lado,

a vendedora de facas poderia bem ter sido – na sua obscena venalidade – exemplo de um qualquer pequeno-burguês daqueles a quem Brecht atribuía, sem possibilidade de perdão, a culpa da guerra, cujos lucros justificariam a prostituição do civismo; *Mãe Coragem* é uma operática trama sobre isto mesmo. Brecht teve a felicidade de estar morto em 1968 quando o poder bárbaro e autocrata, desta vez em versão comunista, invadiu a Checoslováquia.

O espectáculo a que assistimos participa de alguma forma no deslumbre que todos temos por uma certa devassa expositiva: temos esperança na ideia de que a espectacularização do problema possa, em si, trazer a solução. É um fundamento judaico-cristão: a noção de que o primeiro passo para o perdão é o reconhecimento da culpa. A experiência proposta aos espectadores tem na sua base uma ideia honesta de teatro amador, a ideia de que o colectivo possa ser uma fonte de imaginação. O espectáculo é, assim, construído à volta dos sentidos que os seus intervenientes celebraram em conjunto, e do entusiasmo que isso traz; por vezes – como no início ou na cena da morte – a fórmula é eficaz do ponto de vista da mediação entre a obra e o público; outras, como na cena em que a avó conta uma moralidade sobre a ambição humana, nem por isso. O espectáculo, no seu todo, rejeita a iconografia ilustrativa e torna-se num complicado exercício lírico. Perde-se o aspecto central da originalidade da obra, que é a alucinação do personagem a caminho do crime passionai, obrigado, como cobaia, a alimentar-se a ervilhas, como os soldados do Vietname se alimentavam a LSD, na sua tentativa de catarse. Bonitas metáforas de cena, como a dos balões com uma luzinha dentro, perdem-se no excessivo simplismo dos juízos de valor que os actores sistematicamente evocam acerca dos personagens, e nos quais sindicam a sua representação; momentos como o conto obscuro relatado pela avó caem na armadilha da horizontalidade hierárquica que toda a criação colectiva fomenta. Um conto de fadas negro sobre um homem

>
 Woyzeck,
 de Georg Büchner,
 enc. Luís Filipe Silva,
 Os Simples – Grupo de
 Teatro Amador de
 Melgaço, 2013,
 fot. Comédias do Minho.



deixado sozinho no mundo apenas para descobrir que a lua é um pedaço de madeira podre e o sol é um girassol murcho – uma história sobre a desilusão –, o que gerou riso na sala.

A força da gravidade, no social e no artista Luís Soares

Woyzeck, o protagonista do espectáculo de *Os Simples*, anda como se a gravidade o esmagasse implacavelmente. Para o Médico ele é uma curiosidade científica. Para o Capitão, o questionador da moral. Infeliz numa sociedade onde $2 + 2$ são invariavelmente 4, mesmo na aritmética do inconsciente, Woyzeck assassina a esposa infiel. Do fundo da sala, ao início, surgem os coreutas gritando "Assassino! Assassino!" Desabam sobre ele rebentando-lhe balões na cabeça – decapitação do monstro social. Mas como se criou o monstro social? Peça inacabada de Georg Büchner, coube a *Os Simples* tentar completá-la. Cobaia do Doutor, que o submete a uma dieta de ervilhas, debilitando-o fisicamente, o soldado Woyzeck torna-se presa fácil da alucinação. O seu natural questionamento acentua-se e o Capitão repreende-o. A mulher trai-o com outro soldado enquanto o filho bebé chora no berço. Ele certifica-se que compra a faca mais afiada.

Baseando-se num estudo sobre os efeitos do colectivo no indivíduo, contendo áreas poéticas, o cenário compõe-se de mesas e cadeiras do lado direito, onde o coro foliava enquanto Woyzeck agonizava, e de um grande "W" suspenso, do lado esquerdo, emitindo uma luz verde ervilha que se espalhava pela caixa negra do palco, uma espécie de "S" de Super-homem: dicotomia entre *Übermensch* e pobre-coitado.

As representações não lograram descolar, com excepção do actor principal que recriou, com certa habilidade, na voz tolhida e no caminhar medroso, a alegoria do *misfit*. Entre a *Carmina Burana* em versão *heavy metal* e os balões do coro iluminados com luzes

estroboscópicas, construiu-se um espectáculo a que faltou exigir do amadorismo algum profissionalismo incipiente. A dicção monocórdica do Capitão, as marcações demasiado fixas de Maria, a apatia do coro, entre outros elementos, não permitiram ver a intenção de um quadro completo. "Só os canalhas precisam de coragem!", diz o Capitão, mas o espectador atento teria agradecido um pouco mais de coragem na montagem. Relampejaram, no entanto, instantes de forte timbre artístico cuja ampliação aguardaremos no futuro.

Titulo: Ivone (1935). *Autor:* Witold Gombrowicz. *Encenação:* Tânia Almeida. *Produção:* Outra Cena – Vila Nova de Cerveira. *Local e data de apresentação:* Valença, Auditório de Verdoejo, 24 de Maio de 2013.

Ivone, a perturbadora Ana Campos

Ivone, a jovem que não se manifesta criada por Gombrowicz, é uma alma talvez morta num corpo ainda vivo e tão pleno de significação que surge aos olhos de todos que a rodeiam como uma mulher extraordinariamente perturbada e perturbadora. Todos vivem condicionados por ela: desde a sua família, que sente que Ivone não corresponde às expectativas que sobre ela depositaram; passando pelo Príncipe, que por ela julga estar apaixonado e pensa poder transformá-la em tudo o que deseja, mas que depressa a trai e abandona; quer ainda pela família real que vê nela uma ameaça à ordem estabelecida.

A essência do texto é, a meu ver, o questionar do espectador sobre as suas reais emoções quando se encanta ou decepciona com o outro. Será o outro que nos incomoda por ser como é ou seremos nós que o não aceitamos enquanto tal e por isso o culpabilizamos? Daqui deriva uma outra questão. No egoísmo da nossa luta pela sobrevivência e pela nossa tentativa de preservar intacto



< >

Ivone,
de Witold Gombrowicz,
enc. Tânia Almeida,
Outra Cena – Grupo de
Teatro Amador de VN
Cerveira, 2013,
fot. Comédias do Minho.

o que nos cria segurança, não estaremos a ser refractários e indiferentes às necessidades do outro? Por fim, a última questão que se coloca é a de saber se Ivone sofre em silêncio ou não, por que razão (não) reage assim. Pergunto-me se estaremos nós disponíveis para ouvir o seu silêncio? Este aspecto é reforçado pelo incómodo com que reagimos, já antes de o espectáculo começar, ao jovem, interpretado por um dos actores, que humildemente nos pede uma esmola na plateia para comer, diz ele, e que sacudimos porque está a perturbar a nossa diversão enquanto espectadores. As opções da encenação de transformar este texto, tão cruel na análise humana, numa comédia, levando o público a rir daqueles que sofrem, amplia perversamente a crueza do seu alcance.

Ainda que se trate de um espectáculo profundamente assente no texto, o qual, importa dizer-se, foi bem sustentado pelos actores, encontramos recurso à construção e sentido através de outras linguagens. Considero uma opção inteligente da encenação a projecção de acetatos toscamente sobrepostos, criando a sugestão dum cenário. A estranheza que o espaço circular do teatro de cimento comunica ao espectador é, por estas projecções, transformado num lugar mágico onde tudo o que se desenrola gera sentidos.

Houve, contudo, alguns aspectos que deveriam merecer maior atenção por parte da companhia, visto que criam ruído dentro do espetáculo, não gerando qualquer tipo de significado. Refiro-me, por exemplo, aos figurinos, cuja relação com o tom grotesco da encenação não é clara e que reforçam a percepção de que estamos a assistir a uma produção amadora. Esta percepção é ainda aumentada por algumas perturbadoras falhas na dicção e na marcação dos actores (ou ausência dela) que criaram muitos obstáculos à compreensão do texto. Foram hábeis as soluções encontradas para integrar no espectáculo os vários incidentes que ocorreram durante o mesmo, resultando no produto final da apresentação uma forte energia entre o público e os actores, que nos transmitiram claramente o forte entusiasmo com que trabalharam a peça escolhida. A meu ver a magia do teatro reside nesta química que só muitos esforços, muito empenho, e muita paixão conseguem alcançar.

A inquietação da diferença

Manuel Ângelo Maia Pires

O grupo teatral Outra Cena levou ao palco a peça *Ivone* de Witold Gombrowicz (1904–1969). A personagem epónima é uma jovem calada, apática, isenta de qualquer iniciativa, e que vai ser objeto de atração e de repulsa pelos que a rodeiam. Esta incomoda só com a sua presença,

o que vai abalar uma família real e toda a sociedade envolvente e subserviente onde as relações interesseiras e as aparências predominam, num "jogo teatral" dentro do próprio teatro. Ela torna-se num ser inquietante, constrangedor e choca com os princípios estabelecidos, refletindo na sua fealdade física a fealdade moral dos que a cercam, daí que, no fim, seja eliminada.

O cenário foi adaptado ao espaço disponível, salientando-se a forma engenhosa e simples da projecção dos cenários como sombras chinesas, usando um retroprojetor de acetatos, fazendo-nos viajar no tempo para a magia inicial do teatro.

A representação esteve à altura do desafio, apesar da diferença etária dos actores ou da articulação e dicção das palavras, por vezes, deficiente. O elenco soube defender bem o texto extenso e nem sempre fácil, conseguindo improvisar e manter os ritmos e os tempos próprios da comédia (especialmente no cómico de personagem), tornando-o acessível para o público presente, que reagiu positiva e emotivamente àquilo que se passava no palco.

Quanto à encenação, esta foi arrojada, pois optou claramente por um tom de (tragi-) comédia, roçando o absurdo e o grotesco com um humor feroz, numa peça de conteúdo marcadamente trágico. A opção de Tânia Almeida foi bem-sucedida, na medida em que, ao usar uma linguagem adaptada ao meio local, assim como os próprios figurinos burlescos, e recorrendo à comicidade, conseguiu cumprir a sua missão, mostrando-nos como, ainda atualmente, todos os que são diferentes e únicos podem ser um problema e, portanto, "têm" de ser abatidos. Ivone é apenas mais um desses corpos estranhos, que, só por existirem, abalam o nosso comodismo e, como tal, têm de ser apagados na sua identidade.

Título: O poder do futuro (a partir de texto homónimo). *Autor:* Jorge Gomes. *Dinamização:* Rui Mendonça. *Produção:* Associação Filarmónica Milagrense – Monção. *Local e data de apresentação:* Melgaço, Casa da Cultura, 24 de Maio de 2013.

Haverá um amanhã melhor?

Maria Teresa Madureira Azevedo

O espectáculo *O poder do futuro*, sobre texto de Jorge Gomes, apresentado pela Associação Filarmónica Milagrense de Monção, foi concretizado com cerca de vinte actores que nos contam uma história de resistência, denotando uma preocupação de carácter social.

Após uma explosão de bombas atómicas dá-se o Apocalipse. Surge um mundo novo onde dominadores/agressores, que se consideram superiores,

>
O poder do futuro,
 a partir de Jorge Gomes,
 enc. Rui Mendonça,
 Associação Filarmónica
 Milagrense, 2013,
 fot. Comédias do Minho.



chicoteiam e escravizam outros seres humanos que tentam resistir a esta submissão. O medo para alguns é superior às suas forças e acomodam-se. Há mulheres máquinas reprodutoras ao serviço dos dominadores, que aumentam a população escravizada.

O líder do Mundo Novo mantém o poder, porque é detentor de uma bomba destruidora, que ameaça fazer explodir quando bem entender.

Alguns resistentes e sonhadores lutam e tentam fugir, porque acreditam num mundo melhor onde a paz, a liberdade e a justiça social sejam uma realidade. Alguns morrem nessa luta. Outros conseguem fugir. Apoderam-se da bomba do líder, acreditando num novo mundo. Mas há outra bomba do lado dos dominadores, ficando assim a sociedade dividida sempre em dois grupos: agressores e resistentes.

O final ficou em aberto. Quem serão os donos do Mundo Novo? Os resistentes ou os dominadores? Passarão os resistentes a dominadores? Haverá um amanhã melhor?

Foi um espectáculo corajoso em que a coesão do grupo foi notória e a simplicidade cénica bem conseguida e surpreendente. Utilizaram o espaço exterior, varandins e plateia. Criaram cumplicidade e uma interação forte com o público. As músicas de Zeca Afonso e Fernando Lopes Graça deram envolvimento ao texto.

Levaram-nos a reflectir sobre o futuro de todos nós. Conseguiremos resistir aos escravizadores do pensamento e da vida que povoam a nossa existência? As interrogações são muitas, pertinentes e inquietantes. O medo, a resignação e o conformismo apoderam-se do homem. Quem ganhará um futuro melhor? Os senhores donos do mundo ou os pensadores/sonhadores?

Parabéns ao grupo e à organização do festival pela reflexão que nos enriqueceu a todos. E se ganhou pelo menos um resistente/sonhador de um amanhã melhor, valeu a pena.

***O poder do futuro* está nas mãos de quem sonha** **Manuel Ângelo Maia Pires**

A peça *O poder do futuro*, a partir de Jorge Gomes (n.1960), levada à cena pela Associação Filarmónica Milagrense projetou-nos para uma sociedade pós-apocalíptica, onde não "se pensa com o coração, mas com o medo". Há uma nova era, onde os homens eliminam outros para sobreviverem. Há os que têm o poder porque são organizados e os outros, que, apesar de estarem em maioria, são escravizados à nascença através de telecomandos que anulam a sua vontade própria de ser e de sonhar. Todos aqueles que tentam rebelar-se perdem a vida como mártires até que, finalmente, um pequeno grupo conquista o instrumento que os mantém cativos e consegue escapar em busca de um novo futuro.

A encenação, a cargo de Rui Mendonça, em co-criação com os próprios atores, foi ousada e surpreendente como hipótese dramaturgica. No *hall* de acesso à sala deparamos com uma mesa sobre a qual podemos ver retratos antigos, braços ensanguentados e torturados, um recipiente cheio de sapatos de bebés e outro repleto de brinquedos, criando-nos expectativas sobre o que aconteceu ou vai acontecer. Posteriormente, já dentro da sala, ao jeito cinematográfico de Stanley Kubrick (*Laranja mecânica*), somos obrigados a ver, no início, uma sucessão de imagens violentas de explosões nucleares e dos seus efeitos, terminando com imagens da série animada "Conan, o rapaz do futuro" numa nota final de esperança.

Viu-se um teatro de cariz épico que recorreu, não só à simbologia das cores num mural que mudava consoante as cenas, às imagens, ao texto doutrinário em *voz off*, à ocupação de espaços fora do palco, como também à dança e à música de intervenção, quando somos surpreendidos, por exemplo, com o *Acordai* de Fernando Lopes-Graça ou o *Era de noite* e *levaram* de Zeca Afonso, entoados pelo grupo daqueles que se insurgem em nome dos que têm a voz aprisionada, e cuja dor e luto apenas os revigora no



<
46.2,
a partir de
A metamorfose,
de Franz Kafka,
enc. Gonçalo Fonseca,
TAC – Teatro Amador
Courense, 2013,
fot. Comédias do Minho.

seu intuito de prosseguir. Contudo, faltou um pouco a combinação, bem como o equilíbrio destas diferentes linguagens, de forma a permitir um fio condutor mais uniforme e claro, parecendo algumas delas desajustadas e forçadas na sua função cénica.

Tendo em conta o contexto socioeconómico que atravessamos, a peça revela-se interventiva e causadora de reflexões sobre o uso do poder e as diferentes mordidas a que estamos sujeitos (económicas, sociais, políticas, étnicas...). Como refere Vénus, "a mãe reprodutora" na peça: "os sentimentos nunca tiveram cotação na bolsa".

Ainda assim, ressalta a promessa de um novo amanhã, onde o que custa é dar o primeiro passo! O que importa é que seja "o primeiro dia do resto da tua vida". O futuro espera-nos, não podemos é deixar de sonhar.

Onde cabe o futuro?

Helena Cristina Pinto de Sousa

Ao assistirmos a *O poder do futuro* somos encaminhados desde o início, quer pela presença/postura das personagens, quer pelo texto, para a dicotomia do dominado e do dominador. Um mundo presente de destruição e a necessidade de organizar o caos. Dois caminhos possíveis: a liberdade (pela qual lutam uns) e a opressão (mantida por outros). É nesta dicotomia marcadamente maniqueísta que se desenrola toda a acção: o grupo dos oprimidos com forças desiguais, com posições divididas que os fragilizam ainda mais, condicionados pelo medo individual que deixam transparecer, na forma como se organizam e nas opções assumidas em palco, descendo, por vezes, à plateia, em situação de total submissão, impedidos metaforicamente de subirem ao palco novamente, e o do opressor que invade o espaço cénico, inóspito, com o terror das armas. Esta divisão fortalece, como é óbvio, o invasor, que detém o comando e que manipula as consciências. Passamos também nós, público, a fazer parte dos oprimidos? E o futuro, o que é afinal?

Assistimos a revoltas individuais silenciadas a toda a hora como ecos de uma liberdade tolhida pelo conformismo de alguns, como o do pai que, perante a revolta do filho, que consegue tirar o comando ao inimigo, e lhe diz que o poder "só mudaria de mãos, enquanto o princípio manter-se-ia". O espectáculo conseguia gerar, assim, momentos de grande tensão dramática quer através da presença forte dos dezasseis atores, quer pela encenação que nos mostra um espaço devastado e violento. Ou então momentos de alguma ambiguidade, como quando ouvimos a música *O primeiro dia* de Sérgio Godinho, que nos obriga a fazer perguntas e nunca a dar respostas. Esperança? Desafio? Um mundo novo prometido? "É preciso que a noite vire dia"? E quem opera essa mudança? Afinal o futuro cabe no presente?

Título: 46.2 (a partir de *A metamorfose*). *Autor:* Franz Kafka.
Encenação: Gonçalo Fonseca. *Produção:* TAC - Teatro Amador Courense. *Local e data de apresentação:* Vila Nova de Cerveira, Fórum Cultural, 25 de Maio de 2013.

A surpreendente *Metamorfose*

Joana Teixeira

O FITAVALE 2013 encerrou em beleza com o espectáculo 46.2 (a partir de *A metamorfose*, de Franz Kafka), pelo Grupo de Teatro Amador Courense, numa encenação de Gonçalo Fonseca.

A ideia de um espectáculo dinâmico está presente desde o início pela forma como as cenas são oferecidas ao espectador. O elemento-surpresa é constante, graças a um desenho de luz económico, preciso e sugestivo, que revela o espaço cénico inesperadamente, passo a passo, em quatro subespaços. O primeiro é uma plataforma elevada, à qual está confinada uma criatura quase humana coberta de lama; no segundo, ao nível da plateia, do lado direito, afigura-se um piano vertical e o respetivo pianista,

>
46.2,
a partir de
A metamorfose,
de Franz Kafka,
enc. Gonçalo Fonseca,
TAC – Teatro Amador
Courense, 2013,
fot. Comédias do Minho.



cuja voz pertence a Gregor, a criatura lamacenta. Por detrás desse piano que toca, mãos contorcem-se como insetos, enquanto tocam as teclas da atmosfera, e se encaminham para o terceiro espaço, ao centro, e ocupam a cadeira aí colocada em movimentos convulsivos, cuja coerência com os de Gregor reforça a linguagem do espetáculo. O último espaço aparece quase como que por ilusionismo: primeiro as vozes a quem cabe a narrativa verbal, e depois os atores, diante de microfones, acompanhados pela guitarra eléctrica que confere ao espetáculo um belíssimo toque de modernidade. Patente nesta dinâmica está também a interpretação dos atores que, para além de terem pouco contacto uns com os outros, demonstram uma proximidade e unidade resultantes num trabalho de conjunto louvável e invulgar num grupo de teatro amador.

Talvez devido à ambição e ao desafio que esta dinâmica de encenação pode representar para o grupo courense, pode haver momentos que escapam ao espectador, uma vez que texto e movimentos acontecem paralelamente, sem corresponderem a uma ilustração óbvia. Porém, o espetáculo continua a prender pela poesia, pela música e pelo bom gosto estético.

A purificação ou a vergonha da metamorfose Marlene Felisberto

46.2: será este um estado de evolução? Uma mistura cromossómica que se confunde com *A metamorfose* de Franz Kafka, a espinha dorsal da dramaturgia do espetáculo encenado por Gonçalo Fonseca. 46.2 retrata uma teoria evolutiva, iniciada por Carl Gustav Jung, assente numa reorganização do ADN humano, que resulta na soma de mais dois cromossomas à cadeia já existente.

Alguns degraus acima do nível do chão encontra-se Gregor Samsa, uma barata articulada por Gabriela Cunha. O seu corpo cobre-se de lama, enquanto os espectadores tomam os seus lugares. Os movimentos robóticos de

Gregor e o aspecto rígido, resultado da lama já seca, atestam a sua "metamorfose". Do lado direito da sala, um piano, um pianista, a voz de Gregor. Abundam as notas musicais de Chopin. Ao nível do chão, mesmo em frente aos espectadores, estão oito cadeiras onde se sentam as oito personagens da obra. Destacam-se os vestidos e os tons pastel. À esquerda, em pé, quatro vezes, uma espécie de coro, vestido de negro, que narra o espetáculo. Na mesma linha, mas sentado, aquele que, através da sua guitarra eléctrica, tira os sons psicadélicos e cáusticos de toda a peça.

Estamos perante um teatro físico, trabalhado sobretudo na expressividade e no contacto entre os corpos, que cria, em algumas fases do espetáculo, um ambiente bastante enérgico e tenso. Gregor gere o conflito entre o real e o imaginário e a família Samsa luta contra a sua transformação. As personagens movimentam-se de acordo com a narrativa herdada de *A metamorfose*, cartografando a transformação da personagem através de momentos como o desmaio da mãe após o primeiro contacto com o filho, a pronta ajuda da irmã em tornar possível esta simbiose e ainda a desistência e o posterior abandono de Gregor por toda a família.

A mecanização de Gregor e a constante movimentação dos actores dão ao espetáculo um registo muito dinâmico e criam uma panóplia de soluções visuais que prendem a atenção do espectador. O encenador introduz ainda no espetáculo *A cena do ódio*, de Almada Negreiros, dando ainda mais intensidade a esta desumanização e à derrota da família Samsa. A violência das palavras transfigura a personagem que as diz e que é direccionada para a plateia. Após esta cena, fisicamente extenuante, um a um, os actores dirigem-se a uma pia, ao nível da cintura. Nela mergulham uma mão e passam-na pelo rosto. É lama. A purificação ou a vergonha da metamorfose.